

**A SEDUÇÃO DA RETÓRICA:  
E A POLÍTICA CONTEMPORÂNEA ENTRE RETÓRICA E PARRESÍA**

ANDERSON DA CUNHA PIROTA

Artigo para o Seminário FESPSP – Na Encruzilhada da Democracia: Instituições e Informações em Tempo de Mudança? Para o GT – 11 – Mídia, Política e Sociedade.

**São Paulo, novembro de 2018**

**A SEDUÇÃO DA RETÓRICA:  
E A POLÍTICA CONTEMPORÂNEA ENTRE RETÓRICA E PARRESÍA**

**São Paulo, novembro de 2018**

O debate sobre Mídia, Política e Sociedade ocupa um destaque muito importante na atualidade, obviamente tem lugar privilegiado na pauta de muitos pesquisadores sobre o assunto, acerca de refletir com maior profundidade no que diz respeito à informação e a mídia que, ocupam um lugar privilegiado na sociedade contemporânea, incidindo significativamente nos processos sociais, culturais e políticos. Faremos um balanço teórico do uso da retórica e da parresía na teoria política. Contudo, o objetivo é compreender e analisar o uso da retórica e da parresía nos estudos da política contemporânea, e será a partir da análise de jornais e revistas, entretanto, o objetivo é compreender a cobertura midiática dos referidos discursos.

A metodologia a ser utilizada, é do estudo de casos que serão identificadas e selecionadas no decorrer do trabalho.

**Palavras Chaves:** mídia; política; informação; retórica; pensar; agir; ciberespaço; inteligência coletiva.

A opinião pública é um fenômeno humano de caráter social cuja difícil abordagem pode ser em parte explicada pelas influências que sofre do meio externo, entre elas, a da cultura, a da educação e do grupo em que se está inserido. Mas, além disso, esse fenômeno é mediado por uma escolha de caráter individual onde o indivíduo opina segundo suas crenças, suas posições sociais e seus interesses. (Maisonneuve, J. 1988:105). A opinião pública, segundo Walter Lippmann (1922), perpassa pela legitimidade dos discursos de poder nas sociedades de massas, entretanto este entendimento está calcado na realidade observada.

Desde Aristóteles a “opinião pública” sempre teve importância fundamental para a política, chegando mesmo a ter papel decisivo para a evolução da experiência democrática, firmando-se em nosso tempo como uma meta a ser atingida pela propaganda política.

A opinião pública é um espaço de disputa ideológica em que veículos de comunicação como revistas, jornais, rádio, televisão, internet e cinema, exercem toda sua capacidade estratégica na divulgação e difusão dos fatos revestidos de imparcialidade e de independência, por um lado e, secretamente, revestidos de opinião ideológica, e interesses econômicos por outro.

Formar ou influir na formação de uma opinião pública favorável a um determinado interesse político, econômico ou religioso, é uma questão sobre a qual não pesam mais dúvidas, como sendo objetos explícitos ou não dos grandes conglomerados da comunicação no Brasil e no mundo, e isso, porque como define Jean-Gabriel Tarde, no livro *A psicologia Social*, (Maisonneuve, J. 1988:108) “a opinião é para o público o que a alma é para o corpo: um conjunto de julgamentos sobre problemas atuais aos quais uma grande parte dos membros da comunidade adere”.

É fundamental e de suma importância, abordar o conceito de retórica tendo em vista tratar-se da capacidade de se expressar de forma adequada a uma determinada linguagem, seja falada ou escrita, é o ato de dizer bem com eficácia suficiente para persuadir, agradar ou até mesmo comover.

Porém, no discurso político o conceito de parresía é a coragem de dizer a verdade, logo, falar com franqueza e recusar a mentira como instrumento de 'salvação', é peculiaridade da parresía, até mesmo correr um alto risco.

Enquanto a retórica se ocupa na técnica do discurso, a título de persuadir, a parresía se define fundamentalmente como o dizer a verdade numa democracia de autogoverno dos cidadãos, pondo em risco a sua pessoa que não teme contrariar os valores da maioria. (TÓTORA, S; CHAIA, M. 2016:392).

Neste contexto do discurso político, entende-se que a opinião pública, é o campo de disputas em uma sociedade e, muitas vezes, não se usa a verdade.

A linguagem se constitui como um signo; que se refere ao mundo, significativa a materialidade; e o significado ao sentido de interação social ou simbólica. Em: "Mídia e Modernidade – Uma teoria social da mídia" o autor John B. Thompson salienta que é necessário "entender as várias formas mais complexas e múltiplas que forem pelas quais a mídia passou a moldar o mundo em que hoje vivemos". Assim, o estudo da mídia está no centro do debate.

As novas formas de relacionamento dos indivíduos, os novos tipos de se relacionar e interagir com a sociedade, é fruto do uso dos meios de comunicação das sociedades modernas. Ver, pensar, entender e de tanto se educar pela imagem, perde-se o senso crítico e a capacidade de pensar. (SARTORI, G. 2001). Entender-se-á que, a formação de um senso comum é fruto de repetidas imagens a título de bloquear quaisquer desconfianças sobre o que se vê e o que gera um empobrecimento do pensar para refletir.

Nem a mão nua nem o intelecto, deixados a si mesmos, logram muito. Todos os efeitos se cumprem com instrumentos e recursos auxiliares, de quem dependem, em igual medida, tanto o intelecto quanto as mãos. Assim como os instrumentos mecânicos regulam e ampliam o movimento das mãos, os da mente aguçam o intelecto e o precavêm. (BACON. F; 1999:33).

Neste aforismo, o filósofo francês fundador da ciência moderna e do empirismo, nos convida a uma reflexão acerca do pensar e agir, haja vista, um equilíbrio entre ambas as partes para não perder o senso crítico.

Pierre Bourdieu (1997) salienta que a televisão em uma busca frenética por audiência expõe a um grande perigo não só as diferentes esferas de produção cultural, como também a política e a democracia, razão pela qual pode se tornar um extraordinário instrumento de opressão, o poder da indústria televisa – salientado por Bourdieu (1997) - e outros meios de comunicação como a internet, podem levar a uma manipulação das informações e a, monopolização de como estas podem chegar ao público, entretanto, deve-se atentar para os gigantescos problemas que haverá adiante. Obviamente, a TV, bem difundida entre os cidadãos que os jornais impressos são responsáveis por, ditar os acontecimentos mundiais e locais desde que se tenha interesse para empresa, logo as informações são transmitidas aos receptores muitas vezes distorcidas, incompletas e de caráter indutivo e parcial, tomando assim por correto e verdadeiro aquilo que se vê. As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar sua atenção. (BOURDIEU, P. 1997:19).

Pensa-se na censura econômica, determinada pelos grandes anunciantes que ditam as pautas do dia, é quando o poder financeiro, seja público ou privado, determina a pauta nas redações dos jornais e nos veículos de comunicações, o caminho precisa de espaço para a publicidade. Limita-se matérias e cortam outras quando são contrárias aos interesses dos anunciantes. Embora seja de extrema importância a conscientização do telespectador para não tomar como verdade determinados assuntos de interesses de capital privado, subestimando os interesses da coletividade.

Além da televisão, é necessário politizar as novas tecnologias da informação, e cabe lembrar que antes da internet existem três tipos de mídia; mídia primária tendo o corpo como meio de informação, a mídia secundária que é tudo o que agrega ao corpo e por último a mídia terciária; que é aquela que necessita de aparelhos de emissão de informação. Embora, nada se compara com a mídia de massa que são as mídias secundárias e terciárias, a

técnica está presente nestas mídias, porém, é sabido que importante, é a primária, haja vista, que é onde estão as idéias e o saber.

Neste contexto da Sociologia da tecnologia, a técnica está presente na comunicação de massa.

As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios, mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamentos máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. É uma mutação já bem conhecida que pode ser resumida assim: o capitalismo do século XIX é de concentração, para a produção, e de propriedade. (DELEUZE, G. 1998:3).

A mutação do capitalismo citada por Deleuze (1998) traz a ideia de ajustamento social, e de fabricação do indivíduo, que é o resultado da modernidade, sendo que está, implica na velocidade da comunicação que segundo Virilio (1993), a realidade não é mais definida no tempo e espaço, mas virtualmente. A tecnologia começa prestar um grande serviço na esfera pública, que tem a finalidade do Estado manter a ordem e que impõe um controle, conduta e normas que são os métodos de controles através das instituições.

Em *Microfísica do Poder*, Michel Foucault, salienta que a grande estratégia que as relações de poder disciplinares desempenham nas sociedades modernas depois do século XIX, vem justamente do fato delas não serem negativas, mas positivas quando tiramos desses termos qualquer juízo de valor moral ou político e pensamos unicamente na tecnologia empregada.

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto, e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nós queremos apoderar. (FOUCAULT, M. 2009:10).

Todavia, quem tem acesso a um determinado discurso convincente e sedutor, utiliza-se da linguagem para manipular; dominar e seduzir, obviamente neste cenário o discurso passa a ser muito desejado, admirado, cobiçado e até mesmo temido pelo forte simbolismo. Ora, essa característica das determinadas formações discursivas como o poder da palavra que se impõe como grande força aos seus ouvintes e acaba produzindo grandes sentidos significativos, palavra está que uma vez ou várias vezes proferida deixa a sua marca literalmente.

A questão da retórica é que a mesma não está comprometida com a verdade, não exige do discurso o compromisso com a veracidade, mas aplicar a técnica da sedução e da arte da conquista de uma assembleia, com eloquência e disputa no campo das idéias.

No que diz respeito á parresía, não pode ser compreendida como uma simples estratégia do discurso, razão pela qual, a parresía cobra do orador ou do interlocutor a verdade no discurso, exige coragem daquele que pronuncia o discurso verdadeiro, e até mesmo é a maneira de se vincular a si mesmo na forma de um ato corajoso, mesmo correndo riscos.

Neste sentido, no campo da disputa ideológica surge um grande debate quanto ao processo do discurso que captura o ser e pertencer do indivíduo, dado o enfraquecimento das instituições sociais que são celeiros de participação política e democrática; são as frágeis instituições: partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais, logo, as relações entre governantes e governados ficam fragilizadas.

A ideologia é um conjunto de idéias bem como de valores que manipulam os atores de uma sociedade interferindo em seus meios no pensar e conseqüentemente no agir, com o intuito de conformar a sociedade, mesmo existindo tantas diferenças sociais, a ideologia tem a nobre função de dar um sentido racional a tantas desigualdades entre dominantes e dominados. Cabe ressaltar que qualquer alteração da presente realidade é criada com o intuito de alienação social, na qual o indivíduo aceita tudo que lhe é disposto por acreditar que faz parte de uma naturalidade.

O conceito de ideologia é muitas vezes identificado como apenas o estudo das idéias, mas tal conceito é equivocado, já que tal tradução se trata de um ideário e não uma forma de ocultar a realidade através dos mesmos. Portanto, é um movimento caracterizado por toda e qualquer alteração da realidade, é criada de como uma forma de alienação social. Diga-se social na qual o indivíduo aceita tudo que lhe é disposto, pois acredita ser parte de algo natural e imutável; alienação econômica, que é aquela em que os membros da sociedade não se reconhecem como responsáveis por aquilo que fazem e não se identificam em seus trabalhos; e alienação intelectual, a qual nos faz pensar que o trabalho manual não exige conhecimento ou intelectualidade, mas sim mecânica.

Essas formas de alienação tornam a ideologia ainda mais forte, pois criam um senso comum na sociedade, de modo a justificar a realidade de maneira superficial, ou seja, visível a olho nu; enquanto que o olhar para com a sociedade deveria ser; mais profunda e melhor analisada.

Observa-se que o estudo da mídia está no centro do debate, os indivíduos possuem formas de se relacionar, interagir, emitir opiniões e participar de um debate político, isto é fruto dos meios de comunicação das sociedades modernas, o elemento internet.

Mas seria capaz a internet de resolver este individualismo e o déficit da ausência de democracia participativa? Há quem diga que a ausência ou uma crise, é fruto de um sistema de práticas dos valores das instituições, que só poderá ser resolvido ou amenizado com o desenvolvimento de cultura política, que nem sempre (ou quase nunca) poderá ser resolvido e preenchido pela internet.

Todavia, o acesso a internet não é igual para todos, gerando uma desigualdade nos conteúdos, embora o conhecimento seja fundamental, está desigualdade coloca em desvantagem brutal o cidadão. Sabe-se que, a ausência de cultura política; marginaliza o papel do cidadão que fica restrito apenas ao ato de votar. Os poucos espaços de participação política é sinônimo para mais, mas habitar os já existentes com capacidade de dar diretrizes, até mesmo porque a democracia em si não está em crise, entretanto, alguns

mecanismos de representação democrática estão numa profunda ausência de credibilidade. Os pontos positivos da internet é que permite agregar internautas.

Outrossim, refletir sobre a emergência da internet como esfera pública conectada bem como as suas constituições no campo da disputa política e de poder, requer uma profunda investigação neste modelo inédito de comunicação interativa e comunicativa, provocando um debate em escala de tempo real, desterritorializado e sem nenhuma censura para políticos e cidadãos.

No que diz respeito à esfera pública interconectada primeiramente concebe-se num contexto histórico muito específico, sendo o conceito de esfera pública burguesa que sofreu grandes modificações de natureza teóricas, com reflexos e mudanças sociais, culturais, econômicas e sobre tudo políticas que ao longo dos séculos influenciaram a concepção de espaço público. Esfera pública surge com a expansão da participação política e a consolidação dos ideais de cidadania, bem como o resultado de lutas da burguesia contra o absolutismo, com o objetivo de transformar uma autoridade arbitrária em autoridade racional. Nos badalados cafés e salões do século XVIII a esfera pública literária se torna esfera pública política, os indivíduos usam publicamente suas razões para discutirem assuntos que afetam o conjunto da sociedade.

Porém, nesta esfera pública re-configurada e obviamente com o contexto atual de uma sociedade da informação, e com as ferramentas das tecnologias da informação e comunicação, o desenvolvimento de uma cultura da convergência, o conceito de esfera pública atualiza-se para uma concepção de esfera pública interconectada, entendimento este proposto por Benkler (2006). Para o autor o objetivo é refletir e analisar o significado das redes sociais na internet como um grande espaço de manifestação da própria opinião pública, haja vista, uma possível aplicação do conceito de esfera pública neste novo ambiente de comunicação.

Todavia, no entendimento de Habermas a esfera pública é como um espaço de mediação entre o Estado e a sociedade, que permite a discussão pública em um reconhecimento comum da força da razão e a riqueza da troca

de argumentos entre indivíduos, confrontos de idéias e de opiniões esclarecidas, uma esfera pública que surge com a expansão da participação política e a consolidação dos ideais de cidadania. “*Opinion* no sentido de uma concepção incerta, que primeiro ainda teria de passar pelo teste da verdade, liga-se a *opinion* no sentido de um modo de ver a multidão, questionável no cerne” (Habermas, 1984:111).

Dentro de uma concepção mais atual de esfera pública dominada pelos meios de comunicação de massa, segundo Benkler (2006), aborda um novo conceito que relaciona o espaço deliberativo da sociedade civil ao ambiente de comunicação em rede, até mesmo porque a rede confere mais poder aos indivíduos e coletivos sociais “não é feita de ferramentas, mas das práticas de produção social que essas esferas possibilitam” Benkler (2006). Contudo, o principal argumento do autor é que de certa forma o indivíduo está mais aberto a uma determinada participação de um determinado assunto, e se torna mais falante com a oportunidade de se manifestar.

Para Sérgio Amadeu da Silveira (2008), enquanto na esfera pública a dominação é pelo *mass media*, os cidadãos dispõem de recursos insuficientes para rivalizar com o poder e o capital dos grandes conglomerados midiáticos, no ambiente digital, haja vista que essa posição economicamente inferior não impede que os indivíduos manifestem-se e que suas idéias se propaguem. “No cenário digital, da forma como a internet foi estruturada, o capital controla a infra-estrutura de conexão, mas não controla os fluxos de informação, nem consegue determinar as audiências” (Silveira, S. 2008:34).

O autor salienta em seus contras argumentos que a internet é uma construção coletiva de arranjo comunicacional, e que esta rede não promove isolamento das pessoas no uso das redes sociais como; facebook, twitter e outras redes de relacionamentos. “Nessas redes temos visto inúmeros casos de ações coletivas e de debates internos” (Silveira, S. 2009:81).

Todo debate tem uma retórica e as suas técnicas, a palavra retórica deriva-se do grego “*rhêtorikê*”, porém o que é a retórica e como podemos defini-la? Para Aristóteles em sua vasta e diversificada obra, nos permite saborear e refletir sobre a natureza da retórica, cita o autor ainda que a retórica

é a arte que paira no campo do conhecimento comum, e que não há respostas científicas, podendo ser objeto de deliberação de um determinado auditório ou assembleia. Salaria que este auditório ou até mesmo uma assembleia têm em seus participantes, na maioria das vezes, pessoas simplórias, de fácil influência e até mesmo desprovidas de acompanhar longas linhas de raciocínios.

Todavia, observa-se que a natureza e a formulação das questões é que vão pautar a necessária retórica exigida para o momento, contrariando muitos filósofos contemporâneos e renomados como Platão. Aristóteles considera a retórica como um exercício para argumentar sobre determinados assuntos contrários como a capacidade de nos defendermos verbalmente. O real objetivo é para ter uma comunicação de fácil entendimento, eficaz. Obviamente a retórica toma-se como a arte do falar a partir do momento quando a persuasão se faz do convencimento de um determinado auditório ou assembleia, haja vista que, uma determinada opinião é melhor e preferível a sua opositora, é neste cenário que surge a recepção do contexto sendo; o conjunto de valores, opiniões e juízos que deverá ser partilhado na recepção dos argumentos que na seqüência irá determinar a sua aceitação, a sua total rejeição ou até mesmo o seu grau de adesão.

Baseada em critérios dialéticos, torna-se uma técnica de grande argumentação do que é possível ou provável por não contrariar a verdade, uma vez que as opiniões são postas no âmbito do discutível e no seio dos debates. Qualquer um pode apresentar contra argumentos referentes á opinião do orador, que por sua vez, se vê no dever de apresentar novos argumentos a fim de manter o que defende.

Conforme Aristóteles, outra característica da retórica e observa-se a importância é quanto ao uso da mesma se é bom ou mal, ou seja, o uso da arte do falar bem para defender argumentos verdadeiros ou falsos depende única e exclusivamente da ética de quem assim proceder, logo, da propriedade de valores morais que cada um vai estabelecendo ao longo da sua vida, pode-se dizer que a retórica em si não é boa nem má. Portanto, é uma ilusão pensar que a má retórica não tem sentido; se o indivíduo é livre para se exprimir, são as suas intenções que determinarão o tipo de uso que fará da palavra.

Logo, o limite das diferentes maneiras de dizer a verdade, às vezes, aparecem como formas ou até mesmo estratégias de demonstrações, entretanto sejam quais forem às formas que esta verdade é dita; só será parresía quando se recorrer a ela, sempre haverá parresía quando o dizer a verdade for de alto custo ou risco para os que disserem a verdade.

É neste sentido que a definição aristotélica da retórica, haja vista o discurso persuasivo como um domínio da realidade, sobre o qual é necessário fazer uma investigação que permita a constituição de um saber. Conseqüentemente, define-se a retórica não como a arte da persuasão, mas a arte que permitem quais são os meios de persuasão mais adequados a cada caso.

Pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função. Toda outra arte pode instruir e persuadir acerca do assunto que lhe é próprio, por exemplo: a medicina, sobre o que é saudável e doentio; a geometria, acerca das propriedades das grandezas; a aritmética, a respeito dos números; o mesmo aplicando-se às outras artes e ciências. Quanto à retórica, todavia, vemo-la como poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir. E esta é a razão por que a retórica não aplica suas regras as nenhum gênero particular e definido. (ARISTÓTELES, 2013:44-45).

Portanto, a retórica é a arte que estuda os meios de persuasão. Contudo, isso não significa que o seu objeto seja apenas teórico, aquele que os conhece é também aquele que está em melhores condições de aplicar em uma determinada situação exigida, por conseqüência para ser persuasivo, por isso, a retórica não é apenas uma arte que visa compreender o discurso persuasivo, é também uma técnica que permite ser persuasiva.

As formas de dizer a verdade e a noção de parresia é premissa fundamental para o que se pretende estudar e investigar. Portanto a noção de parresía é uma maneira de dizer a verdade, que abrimos para nós mesmos um risco pelo próprio fato de dizer a verdade, sendo parceiro de nós mesmos quando falamos respaldado na ética de dizer a verdade. É fundamental

estabelecer um vínculo entre a liberdade e a verdade, logo, observa-se na grande e respeitada obra de Michel Foucault, “*O Governo de Si e dos Outros*”, que o autor busca localizar o problema da relação entre a verdade, estudar os jogos de verdade nas relações de si para si e bem como a constituição de si mesmo como sujeito, haja vista, que é importante manter o pertencimento entre a verdade e a liberdade. Todavia, liberdade está que só é atingida mediante quando há um domínio sobre si e principalmente sobre a sua própria conduta, que requer regras a si mesmo para conduzir como é preciso.

E, [...] ao colocar a questão do governo de si e dos outros, gostaria de procurar ver como o dizer-a-verdade, a obrigação e a possibilidade de dizer a verdade nos procedimentos de governo podem mostrar de que modo o indivíduo se constitui como sujeito na relação consigo e na relação com os outros. (FOUCAULT, M. 2013:42).

É preciso cautela e parcimônia para definir o que é parresía, cabe lembrar que a parresía é; primeiro o fato de falar a verdade, e que o parresiasta será aquele que faz uso e diz a verdade, e na seqüência irá se distanciar das tentações de dizer a mentira e de quaisquer bajulações. Porém, há várias formas de dizer a verdade.

As diferentes maneiras de dizer a verdade podem aparecer como formas, seja de uma estratégia de demonstração, seja de uma estratégia da persuasão, seja de uma estratégia do ensino, seja de uma estratégia da discussão. Faz a parresía parte de uma dessas estratégias, é a parresía uma maneira de demonstrar, é uma maneira de persuadir, é uma maneira de ensinar, é uma maneira de discutir? Rapidamente essas quatro questões. (FOUCAULT, M. 2013:52).

A parresía não pode ser entendida - como bem diz o autor – somente no campo da retórica, ou até mesmo como um elemento que pertence somente à retórica, a parresía é fundamentalmente definida como dizer a verdade, porém quanto à retórica é uma maneira, e até mesmo uma arte com uma técnica da persuasão do discurso, logo, este discurso se será dito com verdade ou falsidade não importa.

O papel da persuasão na política justifica-se com base nas teorias pesquisadas, como as técnicas de persuasão, retórica e comunicação são fatores decisivos para o desenvolvimento eficaz e que seja capaz de seduzir o indivíduo ou uma assembleia, ao ponto de tocar seus sentimentos fazendo com que avaliem e mudem de opinião, este é um dos objetivos centrais do querer persuadir, a conquista do sentimento. A persuasão é o emprego de argumentos com o propósito de se conseguir que outros indivíduos adotem certas linhas de conduta, é a arte de influenciar os indivíduos por meio das palavras e interligadas a ela, a retórica designa do uso da linguagem com vistas a persuadir ou até mesmo influenciar, é conhecida como a arte do bem falar mediante o uso de todos os recursos da linguagem para atrair, manter a atenção e o interesse do auditório ou de uma assembleia para informar e persuadir do ponto de vista que o orador pretende transmitir, não podemos deixar de compreender o papel da comunicação que é extremamente importante, já que nos permite expressar nossos pensamentos de forma ampla e clara.

Neste sentido no campo da persuasão é importante avaliar o que é falar bem, a arte do falar bem, de mostrar eloquência diante de um público para ganhar a sua causa e a sua admiração, requer tomar as técnicas da persuasão e da vontade de agradar, contudo, vai depender da causa e do que motiva alguém a se dirigir a um auditório, assembleia ou a um indivíduo. O caráter argumentativo está presente desde o início, por exemplo, quando se defende uma tese ou um ponto de vista político, mas o adversário faz o mesmo, neste caso, a retórica deve ser clara, audível e bem objetiva.

Falar de uma maneira simples para o fácil entendimento de todos e sem usar termos técnicos (exceto em palestras específicas para Sociólogos, ou outra disciplina), é necessário encantar e prender a atenção da platéia. Este falar bem é ter comunicação fluente e um tom de voz adequado com o ambiente, logo, ser breve e objetivo no assunto desejado.

Podemos avaliar que o político faz uso de artimanhas para persuadir o indivíduo ou uma assembleia, através de características modernas e até mesmo pós-modernas, que nada mais são do que momentos da sociedade,

políticos providos de uma retórica sedutora conseguem levar os indivíduos para o caminho desejado, seja através da psicologia ou da estrutura aristotélica, tudo tem um porque, logo vivemos numa sociedade guiada pelo consumo e pelo individualismo, mas ainda assim, como seres emocionais em nossa essência, e é por isso, que os arquétipos funcionam tão bem como mais uma estratégia para persuadir.

Não podemos generalizar e dizer que a política nos leva a criar hábitos, e até mesmo ditar novas tendências, e a escolher a partir da escolha de muitos, mas, no fundo, sabemos que a escolha e que a conclusão tomada pelo excesso de informações às vezes, de natureza duvidosa só depende de nós mesmos, mesmo que essa escolha tenha sido psicologicamente projetada por agentes externos, é preciso tomar cuidado.

Diante deste cenário o estudo sobre a sedução da retórica se torna importante para elucidar os seus impactos no conjunto de uma sociedade.

Para tanto vamos identificar os discursos de posse dos presidentes eleitos após a redemocratização do país a título de identificar as idéias neoliberais e as idéias progressistas. Entende-se por um discurso neoliberal um conjunto de idéias políticas e econômicas capitalistas que defende a absoluta liberdade de mercado, principalmente quando se trata de questões econômicas; como juros e câmbio. Trata-se de uma corrente de pensamento desenvolvida a partir da década de 1970 e 1980 e ganha força na literatura acadêmica. A liberalização do mercado bem como a diminuição da presença do Estado, são características neoliberais, salienta-se as demissões em massa de servidores públicos através dos programas de demissões voluntárias e, privatizações de empresas estatais, em especial bancos públicos; são corroborados num discurso neoliberal de um Estado “enxuto” e eficiente, logo, entende-se uma redefinição do liberalismo clássico.

Todavia, no discurso neoliberal está presente a desregulamentação, e as flexibilizações das leis econômicas e trabalhistas. No Brasil, as idéias neoliberais são aplicadas nos governos dos ex-presidentes Fernando Collor de Mello, denominado como a Era Collor que tomou posse em 15 de março de

1990, mas encerrado por sua renúncia da presidência da República em 29 de dezembro de 1992, assumindo o vice - presidente; Itamar Franco.

Em, 01 de janeiro de 1995 o sociólogo Fernando Henrique Cardoso foi eleito para a presidência da República e governou até 2002, conhecido como o governo FHC. No que tange ao discurso progressista, uma corrente de pensamento que defende posições políticas de um Estado forte e grande, presente na vida social muito associado á luta de movimentos civis e individuais como a diversidade sexual e o movimento negro. Contudo, políticas progressistas seriam as provedoras de mudanças socioeconômicas necessárias ao progresso e ao desenvolvimento de uma sociedade, alicerçada na ciência e na tecnologia que são indispensáveis para a melhoria da condição humana e maior inclusão social.

Embora as idéias progressistas de caráter e natureza reformista; possui uma forte ligação com o iluminismo, haja vista que; o progresso social e político está pautado no fortalecimento do mercado interno, consumo popular e a valorização dos salários.

Observa- se as idéias progressistas no Brasil no governo de João Goulart de setembro de 1961 a março de 1964, com um discurso acalorado de reformas de base que eram propostas profundas de reestruturação de setores econômicos e sociais, com uma especial atenção de intervenção do Estado na vida econômica, nacionalização da indústria farmacêutica e a reforma agrária, dentre tantas outras reformas. No dia 13 de março de 1964, o presidente João Goulart fez o famoso discurso na central do Brasil no Rio de Janeiro para mais de 150 mil pessoas reafirmando o executar da reforma que havia proposto. No mesmo ano, o país sofre o golpe civil militar, conhecido como o golpe de 64, o discurso utilizado era que o país estava á beira de uma revolução comunista.

Com um governo marcado por grandes avanços sociais, o presidente operário Luiz Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2011, tem um forte discurso pautado na manutenção da estabilidade econômica, a redução da pobreza no Brasil e no mundo, a desigualdade social bem como a inclusão de negros nas universidades.

O debate sobre Mídia, Política e Sociedade ocupa um destaque importantíssimo na atualidade como já mencionado anteriormente.

Objetivo deste trabalho é analisar a maneira e os impactos acerca do seqüestro da subjetividade. Para está pesquisa entende-se a subjetividade no campo do sentimento de cada indivíduo ou de uma coletividade, bem como as suas opiniões sobre um determinado assunto que vai variar muito de acordo com os sentimentos e hábitos de cada um, é uma reação e opinião individual, não é passivo de discussão, uma vez que cada um dá valor para uma coisa específica, razão pela qual é formado através das crenças e valores do indivíduo, com suas experiências e histórias de vida.

A presente pesquisa tem ainda a finalidade de analisar as propostas econômicas, políticas e sociais nos discursos de posse dos presidentes da República a partir da redemocratização do país. Bem como a partir da análise da cobertura midiática dos discursos presidenciais da Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, Veja, Isto É e Carta Capital. Abordar a questão de uma retórica sedutora e as características das determinadas formações discursivas, como o poder da fala no processo de desideologização do indivíduo, a disputa ideológica e da conquista, e na seqüência, se possível, compreender como se constroem e quais mecanismos para a conquista do sentimento, a arte de seqüestrar a mente dos indivíduos ou de uma coletividade.

O presente não se trata de desvendar, contestar teorias ou ciências mas fazer uso de teorias específica que incidem significativamente no presente trabalho respeitando os processos sociais, culturais, políticos e econômicos razão pela qual, têm como objetivo apresentar algumas diretrizes lógicas e se possível uma análise reflexiva. Observado num primeiro momento, o poder de uma retórica sedutora que tem como objetivo a capacidade de facultar à linguagem, seja falada ou escrita, a eficácia suficiente para agraciar, comover, seduzir e persuadir os interlocutores.

Compreende-se que só seduzir é insuficiente, haja vista, que a finalidade é o ato de convencer alguém ou um grupo, mudar sua opinião, e até mesmo faz-lo adotar um comportamento específico. Procurar contemplar a questão

da sedução da retórica e os reflexos na subjetividade, quais os limites e os impactos.

No processo de comunicação o discurso tem a importante função de como o indivíduo se posiciona e se comporta perante tais discursos, focalizando sempre o processo de interação comunicacional, observando constantemente as formulações discursivas. Em sua obra, *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault procura mostrar que a sociedade é controlada por discursos que a permeiam com uma roupagem nas formas de poder e de repressão.

“... suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. (FOUCAULT, M. 2009:8-9).

Isto posto, um discurso convincente tem o poder de manipular, seduzir, e dominar, o discurso passa ser cobiçado e até mesmo admirado, bem como temido pelo seu simbolismo e a sua força. Tais características do conjunto de formas discursivas como o poder da palavra produz sentidos causando significações que uma vez proferida deixa sua marca. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância para qualquer um, enfim não se pode falar de qualquer coisa. (Foucault, 2009).

Quando da utilização do discurso bem como o seu receio, vão criando no indivíduo via ideologias constantes variações de inquietude, fruto do resultado do medo, sendo o discurso uma materialização de ideologias e garantir posições representando um interesse de classe e servir de dominação, haja vista que, o discurso simboliza poder. Foucault salienta com uma profunda clareza diante da força do discurso da materialização do mesmo, bem como a responsabilidade do locutor ao fazer uso das palavras e da sua entonação ao construir tal discurso. Essas formulações discursivas é o centro da comunicação, sai do campo do pensamento e vai para o campo do universo

palpável, embora todo discurso é fruto e resultado de outros já proferidos por atores e oradores, mas leva o ouvinte / sujeito imaginar-se inédito.

Entende-se que o discurso nunca é inédito, até mesmo porque o seu contexto é sempre original, mas inédito é o que vai determinar as idéias transmitidas por este discurso que seja único, e que são herdados de vários outros discursos transmitidos.

No espinhoso campo da retórica e os seus reflexos na subjetividade, o presente trabalho tem o real objetivo de analisar uma retórica aparentemente mais conservadora e outra de natureza progressista.

Realizaremos um estudo bibliográfico analisando o debate no campo da teoria política contemporânea, sobre o uso da retórica e da parresía nas estratégias políticas.

Analisaremos os jornais durante uma semana após a posse e serão analisadas duas edições das revistas após os respectivos discursos de posse.

Por fim, essa é uma visão inspiradora que apresenta com certeza uma possibilidade de ousar, mas também um projeto de concretude.

## Referências bibliográficas

ARISTÓTELES, *Retórica / Aristóteles; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini*, São Paulo, Edipro, 2013. (Tradução e notas: Edson Bini).

BACON, Francis: *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza*, São Paulo, Nova Cultural Ltda, 1999.

BOURDIEU, Pierre: *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

DELEUZE, Gilles: *Conversações*, São Paulo. Editora 34, 1998.

FOUCAULT, Michel: *O Governo de Si e dos Outros; Curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

HABERMAS, Jürgen: *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

LÉVY, Pierre: *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre: *Inteligência Coletiva: para uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo, Loyola, 2007.

MAISONNEUVE, J. *A Psicologia Social. 4ª Ed.* São Paulo, Martins Fontes, 1988.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da: Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: *PRETTO, e SILVEIRA, Sérgio Amadeu da*. <<http://books.sielo.org>>

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da: Esfera pública interconectada, blogosfera e redes sociais. In: *Esfera Pública, Redes e Jornalismo*. Rio de Janeiro, E-papers, 2009, p.70 a 89.

TOMPSON, John B.; *Mídia e Modernidade – Uma teoria Social da Mídia*. Petrópolis, Vozes, 1998.

TÓTORA, Silvana Maria Corrêa; CHAIA, Miguel: *Liderança Política: Virtù e Parresía. Contemporânea. In: Revista de Sociologia da UFScar, v. 6, n. 2, jul.dez.2016, PP.389-412.*

VIRILLIO, Paul: *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.